



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO DA VARIANTE *NI* NA FALA DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Maria Bethânia Gomes Paes*
(UESB)

Norma da Silva Lopes**
(UESB)

RESUMO

Analisa-se nesta pesquisa o uso da forma *ni*, variante da preposição *em*, na fala de Vitória da Conquista- BA, com o objetivo de definir os condicionamentos sociais da utilização da referida forma. Fez-se um mapeamento considerando-se a interferência das variáveis sociais idade e escolaridade na utilização da variante, utilizando-se os pressupostos da Sociolinguística Laboviana. O *corpus* oral de análise foi constituído por entrevistas com duração média de 20 minutos, gravadas em 2012, com falantes de diferentes níveis de escolaridade e idade. Concluiu-se que os falantes da faixa etária 3 são os que mais utilizaram a forma, o que poderia relacionar-se a fases pretéritas da comunidade em que ela foi de uso mais geral, ligado à formação linguístico-populacional de Vitória da Conquista.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação. Formação linguístico-histórica.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo presente estudo surgiu da observação da ocorrência do *ni*, uma variante da preposição *em*, em Vitória da Conquista, localizada no sudoeste baiano, como também da variedade do perfil dos usuários da forma. Nota-se um uso recorrente da referida variante nas produções orais de pessoas nascidas

*Mestre em Estudos de Linguagem – PPGEL/UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa “Fala e Contexto no Português Brasileiro”. E-mail: bethapaes@yahoo.com.br.

** Doutora em Letras e Linguística- UFBA; Professora Titular - UNEB/Campus I. Líder do Grupo de Pesquisa “Fala e Contexto no Português Brasileiro”- UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa “Grupo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas.”- UNEB. E-mail: nlopes58@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

naquela cidade, de diversos grupos sociais ou níveis de escolaridade. São observadas realizações, a exemplo de:

(1) De *olhoni* uns cursos técnicos. (De *olhoem* uns cursos técnicos.)
[informante r; faixa etária 1; ensino Fundamental]

(2) *Nemni* meu noivado foi. (Nem *em* meu noivado foi.) [informante b; faixa etária 1; ensino Médio]

(3) Ela, *ni* uma semana, resolveu sair. (Ela, *em* uma semana, resolveu sair.)
[informante j; faixa etária 1; ensino Superior]

A importância dessa investigação linguística está no fato de sua realização possibilitar o conhecimento da comunidade, bem como apontar e compreender os elementos que favorecem a escolha da variante na população estudada. Para tal, será feito um mapeamento considerando-se a interferência das variáveis sociais na utilização da variante *ni*, a saber, idade e escolaridade.

A hipótese proposta nesta pesquisa é de que há fatores extralinguísticos que condicionam a escolha da variante *ni* nas realizações dos falantes nativos de Vitória da Conquista- BA. Além disso, propõe-se que a ocorrência do uso da variante *ni* observada pode ser resultado dos contatos entre os povos na formação populacional-linguística da comunidade conquistense, uma vez que *oni*, não registrado nos manuais de língua portuguesa, ocorre em variedades africanas do português falado, como observado em estudos de Baxter e Lopes (2012 [2007]), ou como resultante de aquisição do português enquanto segunda língua por indígenas e africanos.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira seção, será apresentado o arcabouço teórico que embasa a pesquisa; o percurso histórico da formação do Português Brasileiro é o foco da segunda seção; serão feitas, na terceira seção, considerações sobre a preposição *em* e a forma *ni* e estudos anteriores envolvendo essa variante; a metodologia adotada na pesquisa e suas implicações serão assunto da quarta seção; na quinta seção, faz-se a análise e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

interpretação dos dados. Por fim, apresentam-se as Considerações Finais a respeito de todo o trabalho.

A Sociolinguística, subárea da Linguística que correlaciona língua e sociedade, tem como um dos principais expoentes William Labov. A sociolinguística laboviana tem como principal objeto de estudo a fala, levando em conta o contexto e afirmando a possibilidade de sistematização do aparente do caos linguístico que caracteriza a língua.

A compreensão de língua enquanto fato social vai de encontro aos estudos saussureanos da língua considerada em si mesma e por si mesma. Labov desenvolve a Teoria da Variação Linguística ainda na segunda metade do século XX, a qual define a língua como heterogênea, de caráter social, de variabilidade submetida, considerando a heterogeneidade como inerente à língua. A Sociolinguística que Labov (2008[1972]) propõe é aquela com o propósito de estudar a estrutura e os estágios de alteração, que precedem uma possível mudança, no contexto social da comunidade.

O Português Brasileiro, doravante PB, é alvo de muitos estudos por linguistas brasileiros e ao redor do mundo. Tal interesse pode ser atribuído ao fato de se tratar de uma variedade da língua portuguesa diferente da praticada em Portugal.

Naro e Scherre (2007, p. 25) resumem a origem do Português Popular do Brasil com a expressão “confluência de motivos”, oriunda de forças de origens européia, e dos continentes americano e africano, descartando, porém, que tal contexto histórico tenha dado origem a um suposto crioulo de base lexical portuguesa, uma língua praticada por uma comunidade surgida em contextos específicos a partir de modelos de segunda língua.

A nação portuguesa impôs um eficaz instrumento de poder, sua língua, aos povos que habitavam ou viessem habitar o Novo Mundo. Naro e Scherre (2007, p. 26) lembram a presença de árabes no território lusitano entre os séculos VIII e XI,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

além do contato direto dos portugueses com povos da Europa, do Norte da África e do Oriente Médio durante toda a Idade Média por conta das Cruzadas. Tais acontecimentos exigiram o desenvolvimento de alguma estratégia linguística que propiciasse a comunicação em meio a tantas línguas de contato, originando o *sabir*, sistema verbal de base lexical românica, flexível, de forma que os itens lexicais de diversas línguas românicas pudessem a ele se adequarem. Assim, quando os primeiros contatos entre Portugal e Brasil ocorreram, no século XVI, os portugueses já haviam desenvolvido uma estratégia de comunicação com estrangeiros, que consistia em um sistema verbal utilizado durante as primeiras explorações na África Ocidental, a qual, segundo Naro e Scherre (2007, p. 27) foi denominado “língua de preto”.

Documentações referentes à língua portuguesa no Brasil, como o levantamento feito por Silva Neto (1986 *apud* Naro e Scherre 2007) na década de 1950, reunido na obra *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, apontam o predomínio quase total da língua geral, um *pidgin* de origem tupi, até meados do século XVIII no território brasileiro. Conforme Naro e Scherre (2007, p. 28), índios, europeus e africanos residentes no Brasil-colônia dominavam o sistema tupi, uma estratégia comunicativa que a massa da colônia portuguesa no continente americano desenvolveu para comunicarem-se entre si, sendo que, a partir do século XVIII, a língua portuguesa atingiu toda a população existente no Brasil, de forma predominante.

Naro e Scherre (2007, p. 29-30) sintetizam um panorama linguístico inicial, uma comunidade com línguas dos diversos grupos influenciando-se, na qual havia “predomínio do *pidgin* tupi, nos termos de Silva Neto (1986), ou da língua geral paulista, nos termos de Rodrigues (1996); influência mútua das diversas línguas no contexto de aprendizado do português, da língua geral e de outras línguas como segundas línguas; e de elementos *pidginizantes* vindos da Europa” (NARO e SCHERRE, 2007, p. 30). Soma-se a esse quadro, a população numerosa de origem



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

africana no Brasil, os quais falavam aqui línguas diferentes entre si, a língua geral ou o português, mas a literatura não registra a existência de um *pidgin* ou crioulo de base lexical portuguesa. Alguns estudos, ainda segundo Naro e Scherre (2007) apontam que os brasileiros de origem africana faziam uso do português com uma relexificação africana, o que explica, segundo eles, a forte influência lexical das línguas africanas no português do Brasil.

Cunha e Cintra (2001, p. 570- 571) afirmam haver dois sentidos introduzidos pela preposição *em*: movimento e situação, ambos utilizados para indicar o alcance de uma situação dentro das dimensões de espaço, tempo e noção.

Ferrari (1997, p. 123) afirma que a preposição *em* pode ser entendida como uma palavra locativa que “manifesta uma tendência de abstratização, seguindo o padrão observado em várias outras línguas, a partir da escala: espaço > tempo > processo.

A preposição *ni* não é citada em gramáticas tradicionais, uma vez que esta é uma forma não contemplada pelos dialetos-padrão do Português Brasileiro. Nascentes (1922 *apud* Ferrari, 1997, p. 123) cita casualmente a variante em um exemplo com vistas a ilustrar uma forma verbal. Já Teixeira (1944 *apud* Ferrari, 1997, p. 124) cita uma cantiga folclórica para registrar o uso do *ni* em cidades goianas, como Jaraguá. Pontes (1922 *apud* Ferrari, 1997, p. 124) menciona o uso do *ni*, mas não apresenta os contextos em que essa variante figura.

Ferrari (1994) investigou o fenômeno de variação da preposição *em* como objeto de sua tese de doutorado, e coletou os dados na comunidade Morro dos Caboclos, no Rio de Janeiro. A pesquisadora afirma ter concluído que as variantes *em* e *ni* eram usadas de forma alternada na fala da maioria dos habitantes daquela comunidade, não havendo substituição de uma pela outra por parte dos falantes.

Holm (1992 *apud* Lopes e Baxter, 2012 [2007]) propõe que a forma *ni* talvez seja uma analogia baseada no paradigma da preposição *de* e suas contrações com os artigos definidos o (s), a (as):



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Lopes e Baxter (2012 [2007]) desenvolveram uma pesquisa observando a natureza da preposição *ni* em duas variedades do português: uma brasileira, o dialeto afrobrasileiro de Helvécia- Bahia; e outra africana, o português dos Tongas de São Tomé, povo descendente de trabalhadores africanos que, conforme Baxter 2004; Rougé 1992 (*apud* Lopes e Baxter, 2012 [2007]), aprenderam o português via contato.

Como *corpus* da pesquisa, Lopes e Baxter (2012 [2007]) consideraram dados coletados por meio de gravações nas referidas comunidades na década de 1990, e examinaram e compararam as análises feitas da variação entre *ni* e *em* (com e sem contrações). As análises preliminares feitas por Lopes e Baxter (2012 [2007]) sinalizaram a variante *ni* “como vestígio de fases diacrônicas anteriores e apontam para um condicionamento por parte da semântica do SN”.

Vitória da Conquista situa-se no sudoeste baiano e representa a terceira maior cidade do estado da Bahia, com área de unidade territorial de 3.405,580 km² e população de 306. 866 habitantes, de acordo com dados do IBGE (2010). Fundada em 09 de novembro de 1840, Vitória da Conquista configura-se como importante centro comercial do sudoeste da Bahia e norte de Minas Gerais, influenciando uma população de pouco mais de 2 milhões de pessoas, o que a situa entre os cem maiores centros urbanos do Brasil. Até a década de 1940, a base econômica da cidade era a pecuária extensiva, prática que deu lugar à atividade comercial, favorecida pela abertura da estrada Rio-Bahia (atual BR 116) e da estrada Ilhéus-Lapa, possibilitando a integração do município com outras regiões do estado e do país, de acordo com informações colhidas no portal oficial da prefeitura municipal de Vitória da Conquista- PMVC (2012).



Mapa 01: Localização da cidade de Vitória da Conquista no mapa da Bahia. (PMVC, 2012)

Ainda conforme o *site* da PMVC (2012), a cidade teve em sua origem populacional os povos brancos, representados pelos colonizadores, que permaneceram na cidade em missões portuguesas para desbravar a região da Bahia; índios das tribos Mongoió (ou Kamakan), Ymboré (ou Aimoré), e Pataxós, cada uma com sua língua e seus ritos religiosos. Os Mongoiós costumavam fixar-se em uma determinada área, enquanto as outras duas tribos circulavam ao longo da região. Os aldeamentos se espalhavam por uma extensa faixa, conhecida como Sertão da Ressaca, que vai das margens do alto do Rio Pardo até o médio Rio das Contas, lugar onde são encontradas hoje comunidades de origem africana, como a comunidade do Cinzento. Alguns estudos sobre a forma de construir as casas das comunidades próximas à zona urbana de Vitória da Conquista, a plantação de mandioca e milho, a produção de artesanato nos dias atuais, de acordo com o *site* da PMVC (2012), afirmam que esses são indícios da ancestralidade indígena: essas comunidades identificadas como negras, na realidade têm origem na miscigenação de índios e negros. Observa-se, ainda hoje, a presença de povos africanos nas proximidades de Vitória da Conquista, constituindo comunidades quilombola como



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Velame e Boqueirão, além da comunidade do Cinzento, localizada especificamente no município de Planalto, há 45.1 km de Vitória da Conquista. Conforme texto de Ferreira (*apud* SILVA, 2012) ‘a vinda dos primeiros negros para o Cinzento está associada às comunidades estabelecidas à margem do Rio Gavião’ por volta de 1810 e 1860”, rio este que passa próximo ao território conquistense.

A coleta de dados foi obtida em entrevistas com duração média de 20 minutos, registradas por meio de um gravador digital, nas quais foram desenvolvidas narrativas obtidas pela interação pesquisador- informante, a fim de fazer o entrevistado esquecer da situação de entrevista gravada e levando-o a expor fatos de sua vida diária com o uso do vernáculo. Para a codificação dos dados, foi utilizado um programa que trabalha com um modelo logístico denominado programa *Varbrul* ou pacote *Varbrul*.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por 18 entrevistas gravadas e transcritas, produzidas por 18 informantes do sexo feminino, naturais da cidade de Vitória da Conquista. A escolha do gênero/sexo feminino como fornecedor do *corpus* da pesquisa justifica-se pelo fato de tal gênero/sexo ser considerado, nas zonas urbanas, em muitas pesquisas sociolinguísticas, quando comparado ao masculino, como mais conservador da forma valorizada, ou inovador, quando se trata de forma prestigiada. Nesta pesquisa, os dados dos informantes foram organizados em nove células, com dois informantes em cada: três fatores da variável social escolaridade (ensinos fundamental, médio e superior) e três fatores da variável social faixa etária do informante (Faixa etária 1: de 15 a 29 anos; Faixa etária 2: de 30 a 45 anos; Faixa etária 3: de 46 a 70 anos de idade).

Como variável dependente, nesta pesquisa, são definidas, como já explicitado, duas variantes: a ocorrência de *em* e a ocorrência de *ni*, constituindo-se, dessa forma, uma variável dependente binária. São considerados apenas grupos de fatores extralinguísticos (variáveis independentes sociais) que podem explicar as escolhas do falante: escolaridade e faixa etária.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A seleção dos informantes levou em conta variáveis sociais que hipoteticamente estariam relacionadas à ocorrência da variante *ni*, como escolaridade e faixa etária do informante.

Quanto à escolaridade, tem-se inicialmente, a previsão de que os mais escolarizados devam fazer menor uso da variante *ni*, diante do efeito da ação escolar sobre as falas populares, e que essa variante esteja mais presente na fala menos escolarizada, no Ensino Fundamental. E quanto à faixa etária, tem-se a previsão de que a variante *ni* seja mais presente entre os mais velhos e menos entre os mais jovens, o que poderia se relacionar a fases pretéritas da comunidade em que essa forma fosse de uso mais geral. Como se busca analisar a relação entre o uso dessa forma e a aquisição do português, na região, pela população, a partir de dados de L2, considera-se a possibilidade de a forma aparecer mais no grupo dos mais velhos.

A análise dos dados apontou que a variante *ni* é usada pelos falantes de Vitória da Conquista em menor proporção quando comparada ao uso da variante *em*. Em um total de 653 casos envolvendo as duas variantes, a preposição *em* foi utilizada em 619 casos (95%), enquanto o *ni* é empregado 34 vezes (5%). A tabela 1 mostra a prevalência da variante *em* na fala dos conquistenses em relação ao *ni*.

Tabela 1: Variação EM/ NI- análise geral

	Número/Total	%
EM	619/653	95%
NI	34/653	5%
Total	653	100%

5.1 Idade do informante e condicionamento do NI

Outra variável que demonstra exercer influência na ocorrência da variante *ni*, e que foi selecionada pelo pacote *Varbrul* é a <idade do informante>. Conforme a tabela 2, verifica-se que falantes pertencentes à faixa etária 3 realizam em maior número a variante *ni*, o que ocorreu em 10% dos casos (peso relativo .94).



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Observa-se que o percentual de falantes que fazem o uso do *ni* na faixa etária 2 é mínimo, computando 2% de ocorrências (peso relativo .14). Um percentual de 5% é observado nos falantes da faixa etária 1, com peso relativo .47. O fato de a faixa etária 2 apresentar um menor uso da variante *ni* em relação aos dados de usuários da faixa etária 1 aponta para as exigências sociais, como aquelas ligadas a atividades profissionais, uma vez que é nessa faixa etária que o indivíduo estabelece-se, de fato, no mercado de trabalho. O alto percentual de ocorrências da variante *ni* em falantes de Vitória da Conquista reflete que, em outra fase do português, já houve prevalência de tal variante na comunidade conquistense, e a faixa etária 3 ainda documenta ou registra esse fato.

Tabela 2: Idade do informante e condicionamento do NI

	Número/Total	%	Peso Relativo
Faixa etária 1 (15-29)	14/260	5%	.47
Faixa etária 2 (30-45)	4/231	2%	.14
Faixa etária 3 (46-70)	16/162	10%	.94
Total	34/653	5%	

5.2 Escolaridade do informante e condicionamento do NI

A variável <escolaridade> não foi selecionada pelo programa de regras variáveis utilizado, ao verificar-se o condicionamento do *ni*, como apontado nos dados da tabela 3. Os dados indicam que falantes que possuem os níveis Fundamental e Médio de escolaridade têm números próximos, como 7% e 5% de realizações, respectivamente. Os falantes com nível Superior tiveram 5% de realizações da variante *ni*, o que pode evidenciar uma maior tendência dos usuários da língua em monitorar a fala (e reduzir a presença do *ni*) à medida que têm maior acesso ao ensino institucionalizado. Vale ressaltar que foi observado pelo pesquisador maior ocorrência da variante *ni* na fala de alguns informantes do ensino superior quando não estavam sendo gravados, ocorrendo certo monitoramento da fala diante da presença do gravador. Dessa forma, fica



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

constatado que a variável <escolaridade> não é uma variável relevante para a análise de fatores que favorecem a utilização do *ni* por parte dos falantes desta pesquisa. A maior escolaridade dá, apesar disso, ao falante a possibilidade de monitorar mais sua fala em momentos em que esse controle se faz necessário, evitando, assim, o que a desvaloriza.

Tabela 3: Escolaridade do informante e condicionamento do NI

	Número/Total	%
Nível fundamental	20/277	7%
Nível médio	10/182	5%
Nível superior	4/194	2%
Total	34/653	5%

CONCLUSÕES

Labov sempre propôs o entendimento dos mecanismos da língua aliado ao estudo do contexto social, e uma das questões por ele levantadas diz respeito ao lugar da variação social, em que o linguista destaca o social como traços da língua que caracterizavam subgrupos componentes de uma sociedade heterogênea.

Sobre os fatores sociais e a variante *ni* na comunidade conquistense, foram obtidos os seguintes resultados: o fator escolaridade, apesar de não ter sido selecionado pelo *Varbrul*, mostra dados interessantes relacionados à escolha da variante *ni*, uma vez que dos 6 informantes que cursaram o Ensino Fundamental, apenas 1 informante não fez uso de tal variante; dos 6 informantes que cursaram o Ensino Médio, o uso da variante *ni* foi constatado na fala de 3 informantes; dos 6 informantes que cursaram o Ensino Superior, apenas 2 fizeram uso da variante *ni*, o que confirma uma hipótese deste trabalho, de que os mais escolarizados fazem menos uso da variante *ni*, graças ao efeito das instituições escolares diante das falas populares. Vale ressaltar, porém, que a monitoração da fala frente ao gravador, outra decorrência indireta do fator escolaridade, foi percebida nas



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

entrevistas de alguns dos informantes de nível Superior, uma vez que, em conversas não gravadas, notou-se o uso considerável da variante *ni* por parte desses informantes, fator que pode ser atribuído à possível consciência por parte do falante de a variante *ni* não ser contemplada pelas normas aplicadas na escola, representando um fator estigmatizante do indivíduo na sociedade em que vive; considerando os resultados sob a ótica dotempo aparente, ou seja, ao longo das dimensões formadas por faixas etárias dos informantes em questão (Cf. LABOV, 2008 [1972]), tem-se um resultado interessante: o número de informantes da faixa etária 1 (15-29 anos) que faz uso da variante *ni* é de 4 pessoas, num total de 6, número que decresce ao se considerar a faixa etária 2 (30- 45 anos), em que apenas 2 pessoas usam a variante *ni* na atividade comunicativa, havendo um crescimento no número de pessoas que utilizam o *ni* ao se considerar a faixa etária 3 (46- 70 anos), em que novamente 4 pessoas, entre as 6 analisadas, fazem uso da variante *ni*. É possível inferir que em fases pretéritas da comunidade em que essa forma foi de uso mais geral, hipótese inicial deste trabalho. O fato de as 4 pessoas da faixa etária 3 terem usado em maior número a variante *ni*, quando somados os seus dados, em comparação ao dados somados do uso da mesma variante por parte dos usuários da faixa etária 1, permite confirmar outra hipótese da pesquisa, de que a variante *ni* é mais recorrente na fala de indivíduos mais velhos. Pode-se inferir também, por meio dos resultados obtidos, que a variante *ni* é fruto da formação populacional-linguística da comunidade conquistense, já que há a presença de indígenas e povos africanos nas proximidades de Vitória da Conquista.

As poucas ocorrências da variante *ni* (34/399) apontam que, atualmente, não há indicativos de mudança, em que tal variante se sobreporia à variante *em*, sua concorrente na batalha que corresponde ao processo variação-mudança. Os resultados das análises dos fatores linguísticos e extralinguísticos, associados ao uso da variante *ni*, confirmam, portanto, a tese elaborada por Labov (2008) referente aos mecanismos de variação e mudança linguística, já que a variação



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

observada mostra-se relacionada a pressões internas estruturais e sociais, ambas agindo conjuntamente.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do Português Contemporâneo**. Terceira edição revista. Nova apresentação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
FERRARI, Lilian Vieira. **Variação e cognição: o caso das preposições em e ni no Português do Brasil**. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/261/274>>. Acesso em 17 ago. 2012.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Norma da Silva; BAXTER, Alan N.. **O ni no lugar de em, no, na etc na fala dos Tongas**. Disponível em: <http://www.google.com.br/#q=as+preposi%C3%A7%C3%B5es+africanas&hl=ptBR&biw=1258&bih=527&rlz=1R2ADFA_ptBRBR413&prmd=ivns&ei=dZYzTaqoLISdlgeQ1ezCQ&start=20&sa=N&fp=ef4aad7a51265d85>. Acesso em: 29 set. 2011.

MAPA da cidade de Vitória da Conquista. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_da_Conquista> Acesso em: 24 ago. 2012.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. **Concordância verbal e a variável “sexo” em três comunidades linguísticas do interior do Estado da Bahia**. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/viemFile/274/330>> Acesso em: 10 mar. 2013

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 18 ago. 2012.

<http://www.pmvc.gov.br/v1/conteudo/9/historia.html> Acesso em: 18 ago. 2012.